

## Literatura erótica de autoria feminina: uma análise do conto Miss Algrave, de Clarice Lispector

FELÍCIO, Adrieny Ferreira<sup>1</sup>  
FREITAS, Paulo Roberto de Souza<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo discute a presença do erótico na história de Miss Algrave escrita por Clarice Lispector e a recepção do trabalho no momento em que foi publicado. A coleção de contos A Via Crucis do Corpo é uma obra que é divergente de tudo o que o autor havia publicado, já que é sobre o tema do corpo, as ansiedades, dilemas e conflitos que os personagens passam no decorrer da narrativa. O tempo em que a escritora estava vivendo era um momento conservador, a mulher era vista apenas como aquela que ficava em casa para cuidar de seus filhos e seu marido. Utilizamos metodologicamente a pesquisa bibliográfica baseada no método qualitativo e exploratório. Ficou evidente que Clarice Lispector foi uma mulher na vanguarda da sociedade de seu tempo, pois mesmo com todos os pormenores relacionados às mulheres, ela não hesitou em revelar os problemas que foram impostas a ela, seja na ficção, ou nas questões socioculturais da época em que viveu.

**Palavras-chave:** Tematização do corpo; Sociocultural; Escrita feminina.

### Introdução

Quando se trata de literatura erótica de autoria feminina ainda há muitos mitos e preconceitos que precisam ser desmitificados, pois torna-se essencial olhar a literatura erótica de autoria feminina com novas perspectivas.

Assim, na literatura feminina produzida no Brasil destaca-se a escritora Clarice Lispector com uma literatura mais intimista que mergulha nos conflitos e dilemas dos indivíduos. A autora publicou em 1970, uma coletânea de contos que aborda a tematização do corpo, A Via Crucis do Corpo, e escreveu o conto Miss Algrave que possui a possibilidade para vários questionamentos sobre regras, tabus, negação quanto ao corpo em que a figura feminina é submetida dentro do ambiente da narrativa. Além disso, há a questão quanto à recepção da obra que não agradou muito na época na qual foi escrita, pois se distância de outras obras publicadas pela autora, assim a coletânea de contos foi bastante criticada por se tratar de uma literatura “erótica”.

Os críticos da época afirmavam que se tratava de uma obra divergente de tudo que a autora havia publicado, porque é uma obra que fala sobre o corpo feminino, anseios e angústias, de acordo com Abaurre e Pontara (2010), as personagens de Clarice Lispector em determinado

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Nilton Lins. Email – adrienyferreirafelicio@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Adjunto da Universidade Federal do Amazonas, Mestre em Letras. Doutorando da Universidade Nacional de Rosário – Argentina. Email – psouzafreitas695@gmail.com

momento da narrativa tomam consciência da própria individualidade, por isso foi escolhido o conto Miss Algrave em que a personagem em um determinado momento da narrativa passa a ter plena consciência do corpo e passa a não temer mais a própria sexualidade.

Partindo dessas considerações, foi escolhido o conto Miss Algrave com o objetivo de analisar o conto e abordar sobre a literatura erótica de autoria feminina. Dessa maneira, a narrativa foi lida de forma minuciosa para se analisar de forma subjetiva a condição feminina, conflitos e dramas que a personagem passa no decorrer da narrativa além de tratar sobre a questão da Literatura erótica de autoria feminina.

Sendo assim, discute-se também as mudanças que a personagem teve durante a narrativa, além disso abordar o porquê de a coletânea de contos ter causado espanto na época a qual foi escrita. Diante disso, este estudo tem como relevância acadêmica e social, o intuito de desmistificar estigmas e estereótipos acerca da literatura erótica de autoria feminina, sobretudo no que se refere às fontes de conhecimento e aprendizado, pois é essencial olhar para a literatura erótica de autoria feminina com novos olhares e perspectivas do ponto de vista literário.

## **1. Clarice Lispector e a Coletânea de contos A Via Crucis do Corpo**

Clarice Lispector faz parte do Modernismo que os críticos chamam de geração de 45, a escritora se enquadra em uma literatura mais contemporânea. Por conseguinte, a autora em suas obras trabalha os dilemas, conflitos internos e confusões de sentimentos, além de analisar psicologicamente cada personagem de forma profunda. De acordo com Abaurre e Pontara (2010), “Clarice Lispector, por sua vez desenvolve um universo ficcional em que investiga os processos que tornam o ser humano único, que lhe dão identidade.” As narrativas da autora deixam de lado a forma “comum” que os leitores são acostumados a ler, pois não se preocupa em manter uma história linear, mas sim dá vida a sua criação segundo Abaurre e Pontara (2010), “Suas narrativas abandonam o interesse pelo enredo, para submeter às personagens a um processo de individualização que permite a elas reconhecer a própria identidade.”

Além disso, é perceptível notar que o leitor passa a interagir com os seus textos, como certa vez disse Clarice Lispector: A literatura deve ter objetivos profundos e universalistas: deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida e, principalmente, sobre o destino do homem na vida. As obras de Clarice Lispector fogem do tradicional daquilo que os leitores

estão acostumados a ler, e não foi diferente como uma de suas obras *A Via Crucis do Corpo*. Os críticos não perdoaram e as críticas foram desde a capa do livro até os elementos textuais como afirma Reguera (2006) “Tanto a concepção gráfica de cada edição (isto é, ilustrações e as disposições dos elementos textuais) quanto os paratextos (que apresentam aquilo que supostamente seriam as principais características da obra em questão)”. Assim é possível notar que os críticos não pouparam críticas. Além disso, a autora quis escrever sob pseudônimo, acredita-se que a autora estava receosa acerca das críticas foi quando sugeriu ao editor que só aceitaria escrever sob pseudônimo. “Até já tinha escolhido um nome bastante simpático: Cláudio Lemos” (Lispector, 2000, p. 10 ). Mesmo querendo escrever sem ser reconhecida ela não fez, publicou a obra e as críticas foram inúmeras quando a obra foi publicada, mesmo assim foi corajosa e assinou a obra com o próprio nome.

Dessa forma, é notável que Clarice Lispector foi uma mulher à frente da sociedade da época em que viveu, pois mesmo com todos esses problemas relacionados à mulher ela não hesitou em escrever todos os problemas que são impostos ao universo feminino seja na ficção ou nos problemas socioculturais da época em que pertencia.

### **1.1 O assunto perigoso de, Clarice Lispector**

A obra *A Via Crucis do Corpo* foi publicada por Clarice Lispector em 1974. A obra trata de algo divergente de tudo que a autora já havia escrito e por isso gerou grandes críticas e furor literário na época em que foi publicada, porque para os críticos já havia a linguagem Clariciana, segundo Borges: (2013) “Na recepção da obra Clariciana, uma vez que a crítica, tendo mapeado “o estilo clariciano de escrever”, não perdoou a inserção da autora em um caminho estético que pretendia. ”

A obra foi encomendada pela editora Artenova. Na primeira parte do livro a autora intitula como “Explicação” ela se pronuncia como e o porquê escreveu os contos que versam sobre a tematização do corpo ao escrever a explicação é como se a escritora temesse pelo que escreveu, pois, como ela afirma só escreve o que lhe vem à mente sem pensar em dinheiro. A ‘explicação’ é como se pedisse desculpas pelo que escreveu temerosa pela recepção, pois o assunto era perigoso, sobre isso a autora se pronuncia:

O poeta Álvaro Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha, faltava a imaginação. E era assunto perigoso. Respondi-lhe que não sabia fazer história

de encomenda. Mas – enquanto ele me falava ao telefone – eu já sentia nascer em mim à inspiração. Comecei no sábado. No domingo de manhã as três histórias estavam prontas: “Miss Algrave”, “O Corpo” e “Via Crucis”. Eu mesma espantada. Todas as histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade. Se há indecências nas histórias a culpa não é minha. Inútil dizer que não aconteceram comigo, com minha família e com meus amigos. Como é que sei? Sabendo. Artistas sabem das coisas. (LISPECTOR, 1998, p. 11-12)

O assunto perigoso de Clarice Lispector era justamente escrever sobre o corpo feminino de forma mais sensual, além disso tematizar os anseios femininos. Na época que foi escrito foi algo que gerou espanto. E as várias críticas por escrever os contos com uma temática diferente dos seus escritos, sobre isso Borges, 2013, p.127 afirma: “O assunto perigoso ao qual a escritora se refere é sexo: palavra proibida que ela não pronuncia e não escreve.” Há ainda a questão de gênero por ela ser mulher e naquela época em que a autora vivia a mulher já tinha um papel de ficar em casa cuidando dos filhos, além disso, há a questão de apenas homens escreverem literatura que aborda a tematização do corpo. Muitas vezes esses textos são confundidos com o pornográfico o que torna algo complicado como afirma:

O cruzamento entre autoria feminina e texto erótico ou pornográfico é responsável também por alguns complicadores os quais dizem respeito a uma construção de feminino circulante na sociedade, impregnada por expectativas em relação ao papel ou aos papéis que socialmente se associam à esfera de atuação feminina. Mesmo em um período em que vários pressupostos do patriarcado já foram revistos, a restrição a alguns lugares de fala ainda é perpetuada em relação às mulheres. Desse modo, não obstante a maior circulação das mulheres no espaço público, após todo um período de lutas feministas e conquistas femininas, o espaço privado, doméstico, ainda se constrói como feminino, ficando aos homens resguardado o espaço externo. (Borges, 2013, p.46)

Para que possamos entender uma obra precisamos entender o contexto social da época, pois como afirma: (CANDIDO, 200, P. 6) “Só podemos entender uma obra fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que a explicação da obra pelos fatores externos e sua compreensão de independência entre tais fatores e sua estrutura se combinam no processo interpretativo”. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa não como causa, nem como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

A questão de entender a sociedade da época na qual a escritora publicou a obra é de suma importância até mesmo para entender as críticas que estão por trás de seus textos, pois a autora deixa um “gancho” para que o leitor faça tais interpretações por saber entender a sociedade da época a qual ela viveu facilitará em muito a leitura da obra. Além disso, o erotismo

na literatura sempre esteve presente desde as épocas mais antigas, pois Segundo Bataille (2014, p.118):

Sempre associada ao erotismo, a sexualidade física está para o erotismo assim como o cérebro está para o pensamento: da mesma maneira, a fisiologia permanece o fundamento objetivo do pensamento. Se for preciso situar no plano da realidade objetiva a experiência interior que temos do erotismo, deveremos acrescentar às outras funções a função sexual.

Diante do exposto é importante ressaltar que muitas vezes o erotismo é confundido com a pornografia sendo totalmente diferente, a pornografia surgiu em meados do século XIX que passou a ser relacionada com as artes nas pinturas mais obscenas, sendo assim há uma diferença entre pornografia e erotismo.

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnis; o erotismo é a mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. É muito mais importante estabelecer a diferença entre o erótico e o obsceno. (ALEXANDRIAN, 1993, p. 8)

Assim o pornográfico é entendido como algo mais banal e baixarias, em relação ao erotismo é algo relacionado mais a fantasia.

## **2. Análise da condição feminina no conto Miss Algrave**

Ruth Algrave é uma datilógrafa perfeita, pois era assim que o chefe a considerava. É a protagonista desse conto narrado em terceira pessoa. A história se passa em Londres e conta a história de uma mulher virgem, solteira que repudiava qualquer ato que se remetesse a sexualidade. Protestava contra tudo que julgava imoral e escrevia cartas para o jornal Times na tentativa de buscar os bons costumes, Lispector (1970): Sentia-se ofendida pela humanidade e de vez em quando Miss Algrave escrevia uma carta de protesto para o Time. E eles publicavam. Via com muito gosto o seu nome: Sincerely Ruth Algrave. Ruth Algrave e não tinha televisão para não ver as imoralidades, além disso, evitava olhar os casais se beijando, evitava olhar as crianças e vivia rodeada de seus protestos e julgava imoral tomar banho e tomava banho somente aos sábados para não ver a nudez do próprio corpo, a jovem não comia carne vermelha porque considerava pecado, olhava com desprezo para as mulheres do PicadilyCircle. Até que um dia, deitada sozinha no apartamento, é visitada por uma coisa que se apresentou como Ixtlan, mas ela não ver e conhece o que é o gozo que até então não conhecia e parece descobrir o que é felicidade e aquilo que julgava imoral passa a não ser mais imoral e a partir deste dia seu

comportamento muda, pois um dos aspectos que a autora trabalha neste conto é epifania. Parece que ela tem o contato com alguém de outro planeta:

Seu contato era frio como o de uma lagartixa, dava-lhe calafrios. Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria o seu corpo era de mais sofrida cor roxa, era ouro mal e púrpura coagulada. [...] Ixtlan era branco e pequeno. (LISPECTOR, 1998, p. 17)

A partir desse contato com o ser de outro planeta que a fez sentir o gozo ela muda completamente e o que antes ela julgava imoral passa a não ser mais, pois ela se permite olhar os casais e compreende de fato o que eles sentem. (Lispector 1998, p. 17) A lua estava enorme dentro do quarto. Ixtlan era branco e pequeno. Deitou-se ao seu lado na cama de ferro e passou a mão pelos seios rosas negras, ela nunca tinha sentido o que sentiu. Após ela descobrir a própria sexualidade ela já não queria mais escrever cartas para protestar, pois era uma mulher realizada. Antes se privava de comer carne vermelha e tomar vinho, mas como tudo mudou se deu ao luxo de fazer o que antes não fizera, pois como sempre julgava como sendo algo impróprio para se fazer. Antes vivia na solidão, no entanto tudo mudou. Com ele não era pecado e sim uma delícia.

Não queria mais escrever nenhuma carta de protesto. (Lispector 1998, p. 17). Não protestava mais. Não foi a igreja. Era mulher realizada. Como era bom comer carne sangrenta. Como era bom tomar vinho. A personagem carrega dentro de si um medo pela própria sexualidade, por isso condena a sexualidade a ser condenada como pecaminosa, viciosa e imoral. Ela representa traços severos de repreensão da sexualidade feminina como tabu. Ainda se vive em uma sociedade que embora possamos apresentar certa liberdade a sexualidade feminina ainda é um tabu.

Além disso, Ruth parecia sentir culpa pela questão da sexualidade, seu pai era pastor protestante, pode-se fazer uma inferência de que ela se privava de certas coisas da sociedade por este motivo sobre isso a um conceito de Freud que vai dizer: “Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego” (Freud, 1923, p. 64 apud). E como se ela censurasse tudo que julgava imoral.

"as crenças religiosas tinham pouco ou nenhum efeito sobre o prazer sexual masculino, mas podiam cortar com a força de uma circuncisão o prazer da mulher, sabotando por meio da culpa e da vergonha qualquer fruição que ela pudesse, de outra forma, experimentar" (WOLF, 1992, p.118).

Desta forma, Clarice parece querer mostrar que o desejo feminino não passa somente pela questão da liberdade sexual há também a questão do social que a personagem vive. Esse dilema dentro de si e só após perceber que aquilo que ela julgava imoral perante a sociedade é algo que faz parte da natureza do ser humano, sendo assim ela muda os próprios conceitos no decorrer da história e passa a olhar tudo em sua volta com novos olhares, não mais de julgamentos, mas com entendimento.

### **3. Descrição Metodológica**

A presente pesquisa se encaixa na abordagem qualitativa por não se basear em números, mas sim na natureza do problema aqui estudado. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto à natureza da pesquisa será exploratória, pois pretenderá ter mais conhecimento em relação ao problema que será pesquisado, de acordo com (GIL, 2007) este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Em relação aos procedimentos à pesquisa será bibliográfica, pois trabalhará com a leitura de livros, artigos, periódicos, revistas, pois assim o pesquisador terá contato com o material a ser utilizado como afirma (FONSECA, 2002, p. 32). Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

### **Considerações finais**

Clarice Lispector foi uma mulher à frente da sociedade de sua época, pois mesmo com todos esses problemas relacionados à mulher ela não hesitou em escrever todos os problemas que são impostos ao universo feminino seja na ficção ou nos problemas socioculturais do período em que viveu.

Desta forma, Clarice parece querer mostrar que o desejo feminino não passa somente pela questão da liberdade sexual há também a questão do social que a personagem vive. Esse

dilema dentro de si e só após perceber que aquilo que ela julgava imoral perante a sociedade é algo que faz parte da natureza do ser humano, sendo assim ela muda os próprios conceitos no decorrer da história e passa a olhar tudo em sua volta com novos olhares, não mais de julgamentos, mas com entendimento.

### **Referências**

ABAURRE, Maria Luiza M. **Literatura: tempos, leitores, e leituras**, volume único ed.-São Paulo: Moderna. 2010.

BORGES, Luciana. **O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: Um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young**: Editora Mulheres 2013.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T e A QUEIROZ, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **A repressão sexual**: essa nossa (des) conhecida. 12 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco 1998.

JULIANA, Gervason de Felippo **A hora do lixo: Literatura encomendada de Clarice Lispector**, 2008, Juiz de Fora, Mg.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004. p.184.

REGUERA, Nilze Maria A. **Clarice Lispector e a encenação da escritura em A via Crucis do corpo**. São Paulo: Unesp, 2006.

WOLF, Naomi. **0 MITO DA BELEZA** Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres Tradução de WALDÉA BARCELLOS. Rocco. Rio de Janeiro — 1992



